

**“AJOELHA E CHORA”: A SUBALTERNIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA E AS REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO MACHISTA NA MÚSICA GAÚCHA**


**“AJOELHA E CHORA”: THE SUBALTERNIZATION OF THE FEMALE FIGURE AND THE REFLECTIONS ON THE MACHIST DISCOURSE IN GAUCHA MUSIC**


Recebido em: 10/08/2023

Aceito em: 02/09/2023

Publicado em: 28/09/2023

Fagner Fernandes Stasiaki<sup>1</sup> 

Erik Luís Sott de Santis<sup>2</sup> 

Ivann Carlos Lago<sup>3</sup> 

**Resumo:** Mesmo diante dos avanços sociais e jurídicos, ainda se vive sob domínio patriarcal. Nesse sentido, a partir de uma análise da música “ajoelha e chora”, da Banda gaúcha Tchê Garotos, busca-se verificar como fatores culturais e históricos influenciam na construção identitária das mulheres em torno de elementos que permitem a exposição dos corpos femininos a todos os tipos de violência, dentre as quais a objetificação. Metodologicamente opera-se nas premissas da dialética ancorada em estudos bibliográficos. Nesse contexto, essa pesquisa está focada na análise do lugar simbólico ocupado pelas mulheres na cultura gaúcha, a partir de um dos seus mais importantes meios de afirmação e divulgação, que é a música regional. Para tanto, parte-se de uma análise sobre o próprio papel da música como instrumento de manifestação, criação e afirmação de valores culturais. Os resultados apontam para a manutenção, no âmbito das expressões culturais, especialmente a música, de elementos associados ao machismo, a objetificação e desumanização das mulheres, além, fatores incompatíveis com uma sociedade democrática, plural e igualitária.

**Palavras-chave:** Cultura Gaúcha; Música; Mulheres; Violência.

**Abstract:** Even in the face of social and legal advances, people still live under patriarchal rule. In this sense, based on an analysis of the song “ajoelha e chora”, by the gaicho group Tchê Garotos, we seek to verify how cultural and historical factors influence the construction of women's identity around elements that allow the exposure of female bodies to every kind of violence, including objectification. Methodologically, it operates on the premises of the dialectic anchored in bibliographical studies. In this context, this research is focused on analyzing the symbolic place occupied by women in gaicho culture, based on one of its most important means of affirmation and dissemination, which is regional music. Therefore, it starts with an analysis of the role of music itself as an instrument of manifestation, creation and affirmation of cultural values. The results point to the maintenance, within the scope of cultural expressions, especially music, of elements associated with male chauvinism, the objectification and dehumanization of women, in addition to factors incompatible with a democratic, plural and egalitarian society.

**Keyword:** Gaucho culture; Music; Women; Violence.

<sup>1</sup> Aluno do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: [fagnerfstasiaki@aluno.santoangelo.uri.br](mailto:fagnerfstasiaki@aluno.santoangelo.uri.br)

<sup>2</sup> Aluno do Programa de Pós-graduação em Literatura, Artes e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC). E-mail: [eriksottdesantis@gmail.com](mailto:eriksottdesantis@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: [ivann@uffs.edu.br](mailto:ivann@uffs.edu.br)

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva analisar a música “ajoelha e chora”, da Banda gaúcha Tchê Garotos, rastreando os fatores culturais e históricos que influenciam na construção identitária das mulheres em torno dos elementos que permitem a exposição dos corpos femininos a todos os tipos de violência, dentre as quais a objetificação. Entretanto, as desigualdades entre homens e mulheres é algo estrutural na sociedade, e não é difícil perceber essa diferenciação, a música, por exemplo, é uma das formas de entretenimento e lazer na vida da maioria dos brasileiros, mas, ainda, realiza um trabalho que estereotipa as mulheres.

Nesse contexto, é necessário dizer que cada discurso carrega uma carga de responsabilidade social. O filósofo Bakhtin (1992, p. 290), aponta que [...] “o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar”. Com isso, essa pesquisa está focada na análise do lugar simbólico ocupado pelas mulheres na cultura gaúcha, a partir de um dos seus mais importantes meios de afirmação e divulgação, que é a música regional.

Essas conquistas no que se refere aos direitos das mulheres, é bastante expressivo, mas todos esses avanços - sociais e jurídicos – não foram o suficiente para alterar a ordem social existente, pois, o patriarcado representa uma estrutura na sociedade considerada natural. Assim, a disseminação do machismo por meio da [...] “língua, por ser essa fonte de representação social com a qual convivemos desde antes de aprendermos, de fato, a falar, reflete realidades diferentes e nem sempre são verdades absolutas, mas, ao atingir muitas pessoas, pode tornar-se uma verdade inabalável.” (JÚNIOR, 2019, p. 10). Metodologicamente a pesquisa opera-se nas premissas da dialética ancorada em estudos bibliográficos.

A partir disso, os resultados apontam para a manutenção, no âmbito das expressões culturais, especialmente a música, de elementos associados ao machismo, a objetificação e desumanização das mulheres, além, de fatores incompatíveis com uma sociedade democrática, plural e igualitária.

## UM BREVE ESTUDO ACERCA DO FEMINISMO NA LUTA CONTRA O PATRIARCADO

Popularizada, nos anos 2000, a música “ajoelha e chora”, cantada pela Banda gaúcha Tchê Garotos, elucida um comportamento masculino possessivo frente a suposta mulher amada,

reforçando o estereótipo patriarcal de pertencimento das mulheres aos homens, com os quais tiveram alguma relação afetiva ou sexual, naturalizando assim a violência contra as mulheres. Decerto, trecho da música da Banda Tchê Garotos anuncia: “Endureci resolvi bancá o machão; Ai ficou bem bom agora é do meu jeito; De hoje em diante sempre que eu te chamar Acho bom tu ajoelhá e me tratá com respeito...”, evidenciando que o suposto amor justifica a violência.

Nesse sentido, as letras das músicas, ou quaisquer que sejam os enunciados, eles são vivos, e cada um deles está ligado a crenças e ideologias de quem os utilizou. Para se compreender o lugar dos corpos das mulheres na sociedade, bem como as justificativas das violências que acometem as mulheres cotidianamente, é necessário considerar que as identidades femininas são construções históricas, justificadas pelas funções biológicas do corpo feminino (ANGELIN; MARTINS, 2019).

Hooks (2019) explica que a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle os outros por meio de várias formas da força coercitiva. No entanto, essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra mulheres, a violência em relacionamentos de pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças. A autora explica que, com frequência, crianças sofrem abusos quando tentam proteger a mãe que está sendo atacada, ou até mesmo são afetadas emocionalmente por testemunhar esses abusos no âmbito familiar. Subentende-se assim que a violência de gênero não se reduz necessariamente apenas a violência de homem contra mulher ou vice-versa, mas abrange a violência entre homens e/ou entre mulheres.

À vista disso, o machismo, segundo Gutierrez (1985, p. 118), “não passa de uma postura reacionária que, em escala social, ideológica e cultural, pretende perpetuar – nem sempre conscientemente – o *statu quo* patriarcal”. Enquanto o feminismo, esse se coloca como um movimento social, como uma revolução cultural e luta ideológica, pois a luta pretende libertar homens e mulheres dos estereótipos, ressignificando as relações individuais e sociais.

Nessa mesma senda, Pinto (2009, p.16) reforça a mesma ideia de que: “O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.”. Ou seja, o movimento feminista constituiu-se como um movimento humanizador que, surgiu após a Revolução Francesa, em reação à servidão ainda vivenciada pelas mulheres daquele tempo (ANGELIN; MADERS, 2010).

Gonzales (2020), também enfatiza a importância do feminismo, uma vez que esse evidenciou o caráter político no mundo privado. Demais, a autora resgata aspectos positivos desse movimento, uma vez que trouxe discussões importantes sobre sexualidade e identidade de gênero, estimulando assim, inclusive, a conquista de espaços por parte de homossexuais de ambos os sexos. Por meio dessas contribuições fundamentais, a autora também traz críticas ao feminismo, essas discussões não abarcavam outros tipos de discriminação, tão graves como a sofrida pelas mulheres, as questões de caráter racial.

Contudo, os movimentos feministas foram essenciais para a edição de uma lei específica no combate à violência contra a mulher, sancionada em 7 de agosto de 2006 a Lei 11.340, batizada de Lei Maria da Penha, é uma homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes cumpre um importante papel social no combate à violência contra a mulher no Brasil (VERAS; CUNHA, 2010). Maria da Penha Maia Fernandes sofreu duas tentativas de homicídio pelo marido, Marco Antônio Heredia Viveiros e, em decorrência das lesões ficou paraplégica.

Dessa forma, a violência praticada no ambiente doméstico e familiar sempre foi muito comum no Brasil. Segundo pesquisas divulgadas pelo Ministério da Saúde, a cada quatro minutos uma mulher é agredida, no Brasil. A reportagem da Folha de São Paulo analisou 1,4 milhões de notificações recebidas de 2014 a 2018, esses dados não incluem as mulheres assassinadas, pois não são objetos do mesmo tipo de notificação (CUBAS; ZAREMBA; AMÂNCIO, 2019).

O Estado do Rio Grande do Sul, em 2020, segundo o Diário Gaúcho, era o quarto Estado em números de vítimas de feminicídio no país. Os registros de agressão contra mulheres haviam caído 9% no primeiro semestre, enquanto os dados de feminicídios subiam 24,4%. Esses números são uma comparação dos dados dos anos de 2019-2020. Em 2020 foram 51 feminicídios, 10 a mais do que em 2019, e no que diz respeito às agressões, o número total de registros em 2020 foi de 9.728, isto é, 9% a menos quando comparado com o mesmo período de 2019 que registrou 10.692 agressões (GULARTE, 2020).

Em seguida, a análise de dados é um comparativo do ano de 2020 com o ano de 2021, no mesmo período. Em 2021 foram 8.561 registros de agressões, 1.167 a menos que em 2020, ou seja, uma redução significativa de 12%. E, no que se refere a feminicídio, em 2021 foram 49 assassinatos, 2 a menos comparado com 2020, uma redução de 4% (SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). O quadro abaixo é um monitoramento geral atualizado referente ao ano de 2021 somente no Estado do Rio Grande do Sul. Observe:

TABELA I: TABELA COM INDICADORES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO RIO GRANDE DO SUL

Secretaria da Segurança Pública  
Departamento de Planejamento e Integração  
Observatório Estadual de Segurança Pública

MONITORAMENTO DOS INDICADORES DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO RS

| MÊS    | AMEAÇA | LESÃO CORPORAL | ESTUPRO (*) | FEMINICÍDIO | FEMINICÍDIO TENTADO |
|--------|--------|----------------|-------------|-------------|---------------------|
| jan/21 | 3.413  | 1.941          | 261         | 11          | 31                  |
| fev/21 | 2.731  | 1.595          | 223         | 6           | 22                  |
| mar/21 | 2.706  | 1.476          | 182         | 3           | 29                  |
| abr/21 | 2.612  | 1.388          | 173         | 14          | 15                  |
| mai/21 | 2.420  | 1.115          | 154         | 7           | 9                   |
| jun/21 | 2.263  | 1.046          | 150         | 8           | 17                  |
| jul/21 | 2.655  | 1.344          | 163         | 9           | 18                  |
| ago/21 | 2.699  | 1.425          | 218         | 14          | 22                  |
| set/21 | 2.522  | 1.419          | 186         | 7           | 21                  |
| out/21 | 2.846  | 1.642          | 215         | 3           | 24                  |
| nov/21 | 2.833  | 1.677          | 219         | 9           | 24                  |
| dez/21 | 3.007  | 1.965          | 217         | 6           | 23                  |
| Total  | 32.707 | 18.033         | 2.361       | 97          | 255                 |

Fonte: SIP/PROCERGS - Atualizado em 07/11/2022

NOTAS: \* Considera-se os dados referentes a Estupro e Estupro de vulnerável.

\*\* Os dados presentes na planilha representam um recorte temporal, retratando os fatos registrados na data da atualização da base de dados, sujeito ainda a alterações provenientes da revisão de ocorrências duplicadas, apuração de informações oriundas de investigações, diligências, perícias, correção do fato no final da investigação policial, entre outros.

Fonte: SSP (2022).

Percebe-se no quadro acima que os números ainda são alarmantes. A cultura<sup>4</sup> da violência é algo muito presente no tecido social, a disseminação do discurso machista, o qual viola a liberdade e os direitos das mulheres, reforça a ideia de que o patriarcado, possui valores hierárquicos e, dentro desses valores, há uma pirâmide em que alguns ocupam o topo e a maioria fica na base.

No Brasil, segundo as últimas atualizações do Ministério Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no primeiro semestre de 2022, a central de atendimentos registrou 31.398 denúncias e 169.676 envolveram a violência doméstica contra a mulher. Diante disso, Tiburi (2018) reforça que, a violência que assola os corpos das mulheres é uma constante cultural a crescer em todas as sociedades, mas também é uma das principais bandeiras dos movimentos feministas.

Com isso, a violência contra as mulheres pode ocorrer por diversos meios, inclusive através do discurso. A música “ajoelha e chora” opera um discurso que causa subalternidade. A violência e as relações hierárquicas relatadas no meio musical muitas vezes, são no

<sup>4</sup> Imediatamente, por “cultura” se entende muita coisa. Pode-se falar em cultura para se referir a estudo, educação, formação escolar; por vezes para se referir unicamente a manifestações artísticas, como teatro, a música, a pintura, a escultura; ou então, quando se fala em cultura também se pode falar em festas, cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou até mesmo ao seu modo de se vestir, à comida ou seu idioma. Segundo, Santos (2017, p. 22) essa lista pode ser ampliada.

imaginário coletivo, o “correto” das relações humanas. Esses discursos que se disseminam na sociedade são de alguém que ao mesmo tempo que é vítima do patriarcado é repetidor das práticas patriarcalistas.

## **UMA ANÁLISE DO LUGAR DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA CANÇÃO “AJOELHA E CHORA”**

Conforme se observou até o presente momento da pesquisa, a violência contra a mulher é um problema social, e para dar sequência à essa análise no campo interpretativo e analítico, na música “Ajoelha e chora”, uma composição de Sandro Coelho, Luiz Claudio e Marquinho Ullian, busca-se compreender o lugar de representação feminina, e principalmente a forma como é exposta a participação da mulher em meio ao contexto da canção. Para tal, é necessário pensar no modo de significação e construção do texto. Com isso, observou-se as materialidades linguísticas presentes na composição da música, bem como, as interpenetrações entre o campo semântico e pragmático, uma vez que a semântica, se preocupa com o significado das palavras e das sentenças.

Nesse sentido, ressalta-se que a semântica, pode ser observada “como a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua, e não de como as pessoas a colocam em uso; podemos dizer que a semântica trabalha com a interpretação das expressões linguísticas,” [...] Ou seja, a semântica está preocupada com a sentença proferida em si, dessa forma, ela não se preocupa com o contexto, mas sim com a menção das palavras e das sentenças (CANÇADO, 2019, p. 19).

Porém, a semântica entende que é importante interagir com outros sistemas de comunicação como o pragmático. A pragmática por sua vez, busca o contexto das palavras e sentenças proferidas, reunindo um estudo mais vivo da língua e das suas relações de comunicação na sociedade. Ainda, de acordo com a autora, [...] “o significado vai além do sentido do que é dito.” (CANÇADO, 2019, p.19). Isto significa que seu objeto de estudo é a língua em uso. Para uma melhor exposição da análise, a música foi dividida em estrofes, observando a sua relação com o mundo exposto na letra da canção.

A partir dessa contextualização, para se pensar a construção dos sentidos da música, grifou-se alguns pontos. Observe:

**Tava** cansado de me fazer de **bonzinho**  
Te chamando de benzinho de amor e de patroa  
Esta 'marvada me usada e me esnobava  
E judiava muito da minha pessoa

74

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i5.823>

**Endureci**, resorvi bancá o **machão**  
Daí ficou bem bom agora **é do meu jeito**  
De hoje em diante sempre que eu te chamar  
Acho bom **tu 'ajoeiá** e me tratá com respeito (COELHO *et al*, 2000, grifo nosso).

A primeira estrofe em análise nos permite observar a invisibilidade do “eu”, no entanto, esse “tava” que faz referência ao verbo “estava” no pretérito imperfeito do indicativo, constitui a demarcação de um “eu”, o qual possui um lugar social, e que expressa uma visão de mundo. A seguir, no que tangencia o verbo “endureci”, existe um sentido de que ser rude e agressivo é sinônimo de ser “homem”. Segundo o dicionário online de português Michaelis (2015, não paginado), a palavra “machão” significa um “Homem corpulento, homenzarrão” um adjetivo para um homem “que ou aquele que apresenta atitudes de coragem; corajoso, valentão.” Ou “aquele que se mostra ostensivamente viril, geralmente agressivo, sempre orgulhoso de sua masculinidade.”. Dito isso, verifica-se que o contexto produzido na atmosfera da música, perpassa ao ideário social o estereótipo do que é ser “homem”.

Logo, esse padrão de masculinidade também afeta os homens, pois, ainda existe uma lacuna no que se refere ao autocuidado e consciência de que há outras formas de masculinidades. Dessa maneira, as Culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro. Para mudar isso, homens devem criticar e desafiar a dominação masculina” [...] (HOOKS, 2019, p. 106/107).

Por conseguinte, é importante pensar a linguagem como um sistema que não se desvincula do social, ela carrega marcas regionais, expressa sentimentos e desejos. conforme observa-se na passagem grifada “é do meu jeito”, apresentando assim, um conteúdo autoritário e um homem que não renuncia ao poder (e exerce-o por meio da violência). Com base nos estudos de Volochinov:

Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre *orientada para o outro*, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. Já vimos que até as mais simples, as mais primitivas expressões de desejos, de percepção puramente fisiológicas, têm uma clara *estrutura sociológica* (VOLOCHINOV, 2013, p. 157).

Desse modo, sabe-se dos comportamentos do homem exposto pela voz do “eu lírico” o qual protagoniza a história da música. Portanto, é possível identificar o caráter autoritário no modo como ele trata a figura feminina e a imposição dos desejos dele, apenas dele. Ou seja,

percebe-se a ausência da voz feminina na relação entre o homem e a mulher, o que intensifica e reproduz a postura machista e retrógrada da sociedade.

Portanto, a última sentença “acho bom tu ajoieá e me tratar com respeito” demonstra a relação de subalternização da mulher, reproduzindo o estereótipo de que essa precisa cumprir o seu papel biológico e social. Essas relações sociais são concebidas por intermédio das ações do cotidiano, com isso, “[...] as identidades humanas são construídas e sujeitas à historicização, podendo, portanto, serem modificadas e ressignificadas” (ANGELIN; HAHN, 2018, p. 1538/1539).

Logo, nota-se que nessa canção estão presentes marcas da oralidade e da pronúncia regional do Estado do Rio Grande do Sul. O refrão a seguir é uma estrofe mais curta e que possui a repetição das primeiras sentenças. Assim, pode-se dizer que, essa repetição, é uma forma de materialidade presente no texto, possuindo nesse contexto uma carga maior. Veja:

**Ajoelha e chora**  
**Ajoelha e chora**  
**Quanto mais eu passo o laço**  
Muito mais **ela** me adora. (COELHO *et al.*, 2000, grifo nosso).

É como se ela estivesse buscando afirmar a dominação do homem e por consequência a inferioridade da mulher. Essa composicionalidade expressiva da qual utiliza-se da repetição de palavras, intensifica o discurso de violência contra a mulher, visto que, ela se encontra ajoelhada em posição inferior à do homem.

Nesse sentido e em linhas gerais, essas expressões corroboram com a principal ideia do patriarcado<sup>5</sup>, uma relação de mando e obediência. Neste seguimento, pensando o patriarcado, a filósofa Tiburi (2018, p. 96) afirma que, “o patriarcado se constitui por uma equação, de um lado ficam os homens e o poder, de outro, as mulheres e a violência.”. À vista disso, identifica-se no refrão a primeira manifestação do pronome “ela”, o qual representa o lugar feminino em um contexto de violência cíclica expresso por “Quanto mais eu passo o laço; Muito mais ela me adora”, colocando a figura da mulher de modo passivo aos maus-tratos, como se essa situação fosse sinônimo de amor e de adoração ao agressor. Sendo assim, a violência contra as mulheres no âmbito doméstico é algo que perdura com muita força na atual sociedade. Portanto,

---

<sup>5</sup> [...] patriarcado como um conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariamente entre eles, que os habilitam a controlar as mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres.” (SAFFIOTI, *apud* MACHADO 2009, p. 27).



é necessário discutir e analisar as materialidades dos discursos e da vida que nos rodeia para que se possa resistir e modificar estruturas herdadas culturalmente.

A penúltima estrofe da música apresenta alguns aspectos interessantes de pontuar:

Mas o efeito do **remédio** que eu dei  
Foi melhor do que pensei  
Ela faz **o que eu quiser**  
Lava roupa, lava prato  
Cuida dos filhos  
Anda nos trilhos  
**Tomo jeito essa mulher** (COELHO *et al*, 2000, grifo nosso).

A estrofe supramencionada utiliza-se de uma metáfora representada pela palavra “remédio”, para referir-se às violências e agressões realizadas pelo homem contra “ela”. Em pouco tempo, observa-se que ele (o eu lírico), apenas apresenta a figura feminina como “mulher” depois que a submete às suas vontades e desejos desse homem representado pela terceira sentença, “ela faz o que eu quiser”. A ideia do “ser mulher” para o sujeito lírico, precisa estar associada a obediência, trabalhar em casa e servir o marido.

Nesse contexto, é interessante perceber o que é ser mulher na sociedade contemporânea no que se refere a trabalho, pois se essa [...] “tiver um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de modo geral, não fazem o serviço da casa. Acumularão o trabalho remunerado com o não remunerado”. (TIBURI, 2018, p. 14). Ao fim da estrofe, aponta-se toda a sentença grifada para se pensar o lugar da mulher nessa música, um lugar predestinado pelo homem, porque a escolha do pronome feminino “essa”, denota um sentido pejorativo, como se a mulher fosse uma coisa qualquer, um objeto insignificante.

A última estrofe da música, apresenta um comportamento de obediência da mulher e traz a ideia de que o objetivo do sujeito lírico obteve sucesso, conforme se vê:

**Faz** cafuné  
**Me abraça** com carinho  
**Me chama** de benzinho  
Comecei a me preocupar  
**Eu tô achando** que essa mulher malvada  
**Ficou mal acostumada**  
Ou tá querendo **me enganar** (COELHO *et al*, 2000, grifo nosso).

Por sua vez, nas primeiras sentenças da estrofe é possível analisar a disposição dos verbos, “faz”, “abraça” e “chama”, todos ligados às ações que a mulher precisa fazer para evitar ser agredida. E, embora toda a listagem de afazeres domésticos da penúltima estrofe ela também

deve zelar pelo bem-estar do seu parceiro conforme apresenta-se acima. Diante esse trecho da música é notório que mesmo a mulher se submetendo às vontades do homem, essa ainda é desacreditada, o que muitas vezes acontece em outros segmentos da vida de uma mulher na sociedade, apenas pela condição de ser mulher. Pois, a dúvida perante o comportamento feminino sempre é colocada em discussão enquanto a do homem não.

Por fim, as mulheres sofrem misoginia nos mais diversos lugares, “como se houvesse uma predisposição que conferisse a elas uma inconfiabilidade natural, originária.” (TIBURI, 2018, p. 39). A letra da música possui marcas de uma sociedade machista, sexista e misógina fomentada pelos homens. Nota-se que a última sentença “Ou tá querendo me enganar” abarca essa desconfiança supramencionada. Assim, é evidente a urgência de se pensar práticas feministas na tentativa de alargar os horizontes, uma vez que se deve lutar pelo direito do bem comum a caminho de um futuro menos apegado às heranças históricas culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe a temática da violência contra a mulher, seja ela física ou simbólica. Estudou-se em um primeiro momento as estatísticas a nível Brasil, em seguida os números regionais do Estado do Rio Grande do Sul. A violência cultuada no decorrer da história, além das vítimas da agressão física, fez muitas vítimas do feminicídio. O Rio Grande do Sul com seus indicadores de violência, embora os índices ainda sejam altos, observou-se uma significativa queda nos números que indicam a violência contra a mulher. Nesse sentido, é oportuno trazer novamente os dados colhidos no decorrer da pesquisa o que contribuiu e contribuirá para entender a responsabilidade em identificar as intencionalidades do discurso. Sendo assim, os atos de linguagens não se dissociam de uma percepção das coisas da vida.

Nessa perspectiva é necessário observar os dados das últimas atualizações do Ministério Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no primeiro semestre de 2022, a central de atendimentos registrou 31.398 denúncias e 169.676 envolvem violência doméstica contra a mulher. No que tange o Estado do Rio Grande do Sul, a análise de dados é um comparativo do ano de 2020 com o ano de 2021, no mesmo período. Em 2021 foram 8.561 registros de agressões, 1.167 a menos que em 2020, ou seja, uma redução significativa de 12%. E, no que se refere a feminicídio, em 2021 foram 49 assassinatos, 2 a menos comparado com 2020, uma redução de 4% (SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

Conclui-se essa análise da música “ajoelha e chora”, lançada nos anos 2000, pela Banda gaúcha Tchê Garotos, que os fatores culturais e históricos influenciam na construção identitária

das mulheres e, em torno desse comportamento estabelecido pelos homens que permitem a exposição dos corpos femininos a todos os tipos de violência, dentre as quais a objetificação. Entretanto, as desigualdades entre homens e mulheres é algo estrutural na sociedade, e não é difícil perceber essa diferenciação, a música, por exemplo, é uma das formas de entretenimento e lazer na vida da maioria dos brasileiros, mas, ainda, realiza um trabalho que estereotipa as mulheres. Portanto, a música, assim como qualquer outra forma de linguagem busca transmitir um comunicado que, por meio das materialidades do discurso proferido, reproduz uma visão ideológica sobre a sociedade.

## REFERÊNCIAS

AJOELHA e chora. COELHO, Sandro; CLAUDIO, Luiz; ULIAN, Marquinho. Banda Tchê Garotos. Álbum Geração 2000. (3min 29 Seg).

ANGELIN, Rosângela; MADERS, Angelita Maria. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. **Cadernos de Direito**. Disponível em: [A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios | Angelin | Cadernos de Direito \(metodista.br\)](#) Acesso em: 20 Out. 2022

ANGELIN, Rosângela; MARTINS, Paulo Adroir Magalhães. Se te agarro com outro te mato: reflexões sociojurídicas sobre o feminicídio no Brasil. **Revista de estudos feministas em Teologia e Religião**. Disponível em: [Se te agarro com outro te mato: Reflexões sociojurídicas sobre o feminicídio no Brasil | Angelin | Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião](#) Acesso em 18 nov. 2022

ANGELIN, Rosângela; HAHN, Noli B. As brumas da democracia: direitos humanos e movimentos feministas diante de uma racionalidade descentrada e paradoxal. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, ano 4, n. 5, p. 1537-1564, 2018. Disponível em: [http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2018/5/2018\\_05\\_1537\\_1564.pdf](http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2018/5/2018_05_1537_1564.pdf) Acesso em: 26 nov. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL tem mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres até julho de 2022. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/now18>. Acesso em 18 nov. 2022

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas exercícios**. 2ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CUBAS, Mariana Gama; ZAREMBA, Júlia; AMÂNCIO, Thiago. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. **Folha de São Paulo**. Disponível em: [Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento - 09/09/2019 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](#) Acesso em: 10 Out. 2022

